

crises do século

ESTUDOS DO SÉCULO

XX

número 10 • 2010

Educação Sexual e património pessoal  
e cultural: a crise e a crítica;  
a doxa e o paradoxo

Maria Amelia de Souza Reis

**Maria Amelia de Souza Reis**, Doutora com Pós-Graduação em Ciências da Educação na FPCE/UC. Investigadora Auxiliar do CEIS20. E-mail: [asouzareis@hotmail.com](mailto:asouzareis@hotmail.com).

## Introdução

Este estudo movimenta-se em meio às articulações entre os patrimônios pessoal e cultural e a Educação Sexual como núcleos de sentido que se marcam por crises pautadas pelos discursos da transformação como algo da ordem dos comportamentos e não como corporificação de instituições panópticas de vigilância e doutrinação quotidianas, compreendendo que as sociedades *são sementeiras* de vida com sentido, estas fornecem o metacapital da cultura e os constituintes que moldam a ordem social.

Temos sido cativados por discursos fáceis e sentidos pré-concebidos em relação a uma dita transformação e mudanças profundas, quer sejam elas da ordem da moral, dos valores, das decisões e opções particulares, bem como da liberdade autónoma de julgar aos outros e as coisas. Todavia, não estaríamos ainda hoje em meio a um edifício de relações, ainda que imprevisíveis, regidas em sua superfície por intenções determinadas e colocadas a *«priori»*? O ruir deste mundo de linguagem, padronizado, modelar, estandardizado e pseudamente homogêneo, certamente, faria a diferença, evidenciando-o entre os escombros dos discursos da harmonia e da fé inabalável na sensatez e coerência do homem. Destronar, em si mesmo, o imperialismo dos sentidos «congelados» por ideologias que aprendemos a repetir e, assumir como núcleo de nossos projetos de vida, o discordante e o inusitado como exercício de poder fazer a diferença e ser mesmo em si, o diferente, é a meu ver a efetiva experiência de aprender que somente existe no exercício constante do pensamento, no eterno retorno a ele próprio, à sua crítica, às suas dobras, redobras e desdobras como suscita Michel Foucault em suas obras.

Queremos entender as transformações em sua materialidade concreta. Mudar sem camuflar os eventos conferidos pelos mudancismos que assistimos perplexos, mas que timidamente colocamos reações de crítica. Sabemos que a natureza humana clama pelo estático, pela unicidade, pela flauta mágica que possa nos conduzir, mas é preciso mover os escombros do passado e com as cinzas construir o novo ou estaremos fadados a desaparecer como espécie e como humanos.

A sexualidade e seus correlatos: relações assimétricas entre homens e mulheres, preconceitos e discriminações aos que optam pela diferença canónica de géneros, entre outras questões, têm indicado ao mundo as necessidades de transformações radicais, requerendo a partir das lutas pela liberdade daqueles que se acham circunscritos às margens de uma dita sociedade harmónica, a democracia há muito pretendida

Exemplar, para a discussão do tema que adotamos são os anúncios da Revolução Sexual proclamada positivamente por afetar as relações de intimidade, alterando os patrimônios pessoais e sociais das populações, requerendo das instituições de sequestro tradicionais, como a escola, a igreja e a família a aderirem a alguns dispositivos culturais de modo a não verem rolar por terra seus suportes bem edificadas de controle da capacidade das pessoas gerirem suas vidas e escolhas sexuais. Quedam-se algumas estacas do edifício dos saberes morais que se apoiam nas ciências biológicas e na religião a partir das lógicas que sustentam estas transformações do sexual sob o suporte de todo um processo de ressignificação dos *selves* e da idéia de reflexividade defendida por (Giddens, 1994; 1995; 1998) como resultantes de todo um processo em que estão

presentes as novas tecnologias da concepção e da contracepção bem como o advento da AIDS(SIDA), modificando comportamentos e idéias imperativas sobre o sexual.

Com o advento do «novo estatuto da sexualidade», incorporado na década de 70, pelos movimentos feministas e de contracultura, distinguem-se as condições que dão corpo à sexualidade e à reprodução. As relações íntimas passam a ter um valor em si mesmas, a qualidade da relação e do prazer sexual passam a representar o fator de mudança, pois redefine-se o modelo conjugal padronizado na modernidade para as possibilidades «permitidas» das relações não-conjugais, fato que se evidencia, em nossa contemporaneidade com o abrandamento dos rituais dos casamentos sob à condição da virgindade.

Face ao exposto alguns questionamentos se tornam evidentes: ressignificações se colocam, mitos e rituais se atenuam, mas estarão os discursos pré-formativos da chamada revolução (décadas de 60 a 80) e a presentificação do novo estatuto da sexualidade, em meio às crises do século XX servindo a quê interesses? Estarão, neles, presentes os avanços necessários à vida autônoma e liberta ou servirá ao que trazem em si de mais controle como fonte de retrocessos, maioria das vezes, bem aceitos por nossa miopia que caracteriza nossa pose cínica diante do mundo?

Servem-nos de exemplos demonstrativos de que sublevar a doxa é imperioso e substantivo na medida em que identificamos que as mudanças advêm de crises mediadas por sentidos que se foram moldando ao longo de toda uma história de controle, dominação e resistências, encontrando-se porém, a meu ver, em seu limite histórico de (com)formação.

Colocando em processo os questionamentos necessários a um debate mais rigoroso, tento compreender como a dinâmica das constituições dos patrimónios pessoais e socioculturais influenciam e são influenciados pelo *modus operandi* da sexualidade e suas dinâmicas de operação na construção dos sujeitos sexuais. *Locus* de sentidos (como os conhecemos) que formataram/formatam modos de pensar e cujo movimento traz em si a ênfase em direção ao unívoco. Ou seja, encontra José Gil (2008) em Deleuze a compreensão de que «a forma da doxa é a forma da representação e os discursos do representante» e seu contrário será um discurso absolutamente singular, não representativo. Neste caminho me desafio a pensar os sentidos dados às coisas e as coisas em si mesmas, plenas em contradições e complexidades em suas naturezas mais profundas, onde jazem aqueles «não sei quê» que ouvimos em diálogo ao falarmos dos sentimentos e afetos que envolvem a sexualidade, como algo profundo que nos vêm do âmago da alma humana.

Diante do exposto, indago ainda: Onde ficaram/ficariam as opções de escolhas, de decisão e valoração do desejo? A sexualidade exercitada sob os auspícios dos novos tempos, em meio aos mesmos sentidos e sua unicidade, vem se constituindo em promessa de liberdade? Nos desafiamos a realizar a crítica à racionalidade moderna e aos sentidos evocados, situando as perplexidades no último quartel do século XX onde se colocaram as teses do «novo estatuto da sexualidade» como continuidade dos sentidos (doxa) evocados pela chamada «Revolução Sexual».

Recuperando narrativas e histórias contadas por jovens professoras em minhas investigações sobre a temática que aqui exponho, bem como o destaque aos discursos plenos em sentidos presentes nas políticas públicas de educação sexual em Portugal

e Brasil, este trabalho ao trazer algumas breves reflexões sobre as teses de Deleuze em «A Lógica dos Sentidos», principalmente, utiliza-se das possibilidades que confere à idéia de paradoxo como sublevação da doxa de modo a reforçar meus argumentos quanto à necessidade de superação dos sentidos pré-formatados por toda uma educação exercida por diferentes instituições de sequestro (Foucault, 2004) com vistas a superação de uma educação para a sexualidade em meio escolar que se fez/faz refém de diversas formas do positivismo em suas normas e regras ditadas às sociedades ditas capitalistas, hoje globalizadas e, a meu ver, mais controlista. Portanto, é desse lugar, que lhes falo, fruto de investigações no campo da formação do educador<sup>1</sup>, inscrevendo a partir desse eixo epistemológico a necessidade de superarmos, tanto o *senso comum* que nos diz que a Sexualidade, a Educação e o nossos patrimônios cultural e pessoal têm por base um conhecimento e um saber que arbitram por si mesmos, quanto o *bom senso* que aponta para soluções únicas e plenas em praticidades que se revestem das fragilidades das superfícies, pouco reveladoras da intimidade das realidades diversas, múltiplas e complexas.

## 1. Doxa e Paradoxo: Qual o lugar do Educação Sexual colocada em discursol?

*(...) o sentido não é nunca apenas um dos dois termos de uma dualidade que se opõe as coisas e as proposições, os substantivos e os verbos, as designações e as expressões, já que é também a fronteira, o corte ou a articulação da diferença entre os dois, já que dispõe de uma impenetrabilidade que lhe é própria e na qual se reflete (Deleuze, 2000).*

Na direção que começo a traçar para explicar a problemática que envolve a sexualidade, a educação, o aprender e as condições formativas que se impõe aos patrimônios pessoal e sociocultural das professoras estudadas e, tomando estas dimensões em relação aos sentidos que se dão às coisas e aos modos de pensar, reforço a idéia de Deleuze de que os sentidos se pautam por lógicas sendo eles a própria fronteira onde a linguagem é preponderante. É na obra «A Lógica dos Sentidos» em que Deleuze traça uma «história sexual da linguagem» que busco os elementos capazes de dar corpo às minhas argumentações sobre a doxa e o paradoxo, excluindo de minhas apreciações o conteúdo psicanalítico do mesmo.

Destaco que o texto que ora escrevo pauta-se pela simplicidade de quem ousa pisar em solo tão bem sedimentados por grandes nomes da nossa filosofia. Ele se afirma, porém, como um esboço para a ousadia de escrever sobre alguns conceitos inovadores presentes nas obras de Gilles Deleuze, pois como tem contribuído José Gil (2008), para compreender tais conceitos, enfatiza: «se é verdade que uma das declinações do Ser, em Deleuze, é a vida, o vitalismo, nos seus livros, manifesta-se por uma constante «invenção de conceitos».

---

<sup>1</sup> Este trabalho investigou de 2005/2006 as relações entre *a sexualidade da jovem professora* e a autonomia que ela exerce no processo de aprendizagem escolar, compreendendo a sexualidade e o gênero como construções sociais, enquanto o enfoque na jovem mulher professora se dá pela dessimetria entre seus discursos e a prática educativa que se efetiva no cotidiano escolar. Atualmente, além de incorporar a idéia de patrimônios pessoais e culturais, amplia-se aos sujeitos sexuais futuros professores das diferentes áreas do conhecimento escolar.

Como iniciante em suas teses, aprendi a dificuldade encontrada em um mundo imaginado por uma doxa omnipresente de compreensão das possibilidades dos acasos e das diferenças. Entender como se dá o pensamento; como pensar a diferença; as identidades; as singularidades e a linguagem com sua capacidade de trazer a profundidade à superfície, é o fermento que anima estas reflexões.

Deleuze afirma que todo sentido se passa na fronteira entre as superfícies, direito e avesso, como demonstra analisando as peripécias de Alice nas obras de Lewis Carroll, indica que basta deslizar sobre a superfície para ir ao encontro da profundidade e de lá, de retorno à superfície esta não será mais a mesma. Destaca José Gil que Deleuze embora inscrevendo os sentidos na superfície não explica a natureza dessa superfície deixando a suposição, a partir das análises ainda das aventuras de Alice, de que tudo deve se passar a nível de jogos de linguagem (Gil, 2008, p. 118). Linguagem que preenche todo o sentido das coisas e que circula no mundo.

Para Deleuze toda teoria do sentido é tratada como acontecimento de superfície (Ibdem, idem, p. 124), ponto de destaque para nossa proposição de que devemos superar as superfícies e, portanto se entendermos os sentidos como elementos da superfície das coisas buscar os caminhos para o tal deslizamento às profundidades, entendidas como *locus* das possibilidades de transformação.

Deleuze era o filósofo dos conceitos, daí as críticas que sofria sobre o reescrever e re-inventar novos conceitos. Para escrever sobre um conceito, afirmava a necessidade de nele mergulhar e molhar-se em seu movimento, naquele que lhe deu origem. Entrelaçar-se no próprio movimento do pensamento é que permitiria que o conceito fosse pensado no âmbito da diferença, ou seja, pensar o pensamento e, este, ao acrescer-se do novo obriga-nos a pensá-lo em seu retorno, ou seja, a gênese do ato de pensar está no próprio pensamento, sendo estas as condições para o apreender, para conhecer o novo (Gil, pp. 30-33). Resposta às suas frequentes questões: o que significa aprender? Como aprender a pensar? E, completava: «aprender passa sempre pelo inconsciente, passa-se sempre no inconsciente, estabelecendo entre a natureza e o espírito o laço de uma cumplicidade profunda» (Diferença e Repetição, citado por Gil, 2008, p. 34).

Em «Diferença e Repetição», Gil completa: não aprendemos a pensar; exercitamo-nos infinitamente nessa atividade, praticando o eterno retorno do pensamento ou a crítica da imagem dogmática, ou a conversão do Mesmo no Diferente (...) *a partir de que signos de sensibilidade, por meio de que tesouros da memória, sob torções determinadas pelas singularidades de que Idéia será o pensamento suscitado? Nunca se sabe de antemão como alguém vai aprender...*» (Ibdem, idem, p. 35).

Como vemos nos fios do que vou tecendo, a aprendizagem, o aprender a aprender e aprender a pensar são preocupações das quais se ocupa Deleuze, colocando sempre em sua trajetória conceitual de que a cada singularidade, multiplicidades se desenvolvem entrelaçando-se em redes de pensamento e de sentidos que vão constituir as culturas humanas cujos patrimônios nem sempre têm como propósito a acumulação e redistribuição da forma dominante da cultura, por vezes servem a uma ostensiva destruição como os casos clássicos dos *kula* trobriandês e do *potlatch* no Noroeste americano (Malinowski, 1976; Mauss, 2003, pp. 185-318, citado por Gonçalves, 2005).

O que é preciso colocar em foco nessa discussão é a possibilidade de se transitar analiticamente com as dimensões dos patrimônios pessoais e socioculturais pois estas

circulam carregadas de significados e sentidos trazendo em si as diversas formas que podem assumir. Em outras palavras: como é possível compreender a profundidade em que se encontram as marcas que formataram estes/nossos patrimônios em termos diferenciais? Em que medida pode nos permitir entender como se construíram as experiências presentes à modernidade e para além dela em nossa contemporaneidade?

Retomando Deleuze e investindo nessa íntima relação sentidos/patrimônios/sexualidade/cultura, lembramos que todo pensamento do filósofo se fundamenta na idéia de excesso, tese trabalhada em *Diferença e Repetição* e *Lógica dos Sentidos*. É pelo excesso que se subverte a doxa e se constitui o futuro pelo novo absoluto. O excesso por não se identificar pela matematização das coisas, pela quantificação dos elementos marca-se pela diferença de intensidade que somente se evidencia no empírico. É ele que demanda o excesso, por ser ele presença em todas as formas de vida e da vida, sendo as diferenças os icebergs que irrompem dos mares profundos como excessos. Este é a criação do novo ou do velho revisitado. O excesso como teoriza Gil (2008) «não é só o que ultrapassa a mediania do senso-comum, mas o que age, transformando o virtual no actual, criando», acrescentando a seguir «os sistemas excessivos apresentam um acréscimo de forças que rebentam os sistemas do senso comum e da doxa». Enfim, é o que podemos depreender em cada conversa e narrativa colhida de nossas jovens contraditadas entre um mundo pretérito de uma teia de determinações impositivas e um eu criador que se movimenta entre uma multidão de seres a habitar seus pensamentos e ações no presente e sugere Gil, nas análises que faz «o Eu que entrou em devir começa a mudar em um outro sentido. Eu-multidão encolhe-se e fecha-se sobre si mesmo, absorvendo todas as sensações do mundo»( Gil, 2008, p. 85).

Pensar tais questões é, por seu turno, refletir sobre alguns conceitos colocados por Deleuze e, neste sentido, como já anunciado, muito me atrai a idéia de paradoxo. É pensá-lo não como contradição, mas como subversão dos sentidos (doxa), como aquele que aponta para o múltiplo e para a pluralidade, presente na complexidade imanente aos processos educativos articulados à sexualidade e à vida humana.

Será optar por não separar direções, nem instaurar sentido único às lógicas que presidem nossas ações, nossos fazeres educativos e nossas investigações acadêmicas, nem mesmo nos deixarmos iludir por belas idéias e «sérios» pensamentos que não são capazes de resolver os problemas concretos que nos afetam os cotidianos vividos em que se entrelaçam vida comum e trabalho, como quem aprende e, também, ensina no projeto concreto de educar e de viver em uma sociedade que prima pelo espetáculo, pelo apelo ao consumo desenfreado e pelo seqüestro dos direitos inerentes ao ser humano.

Se o paradoxo é tudo aquilo que se opõe à doxa, aos seus dois principais sentidos – **o bom senso e o senso comum**, a ele não cabe invocá-lo como sinônimo de contraditório, mas sim, como princípio que nos permite chegar à gênese da contradição e, a partir daí, melhor compreender a realidade. Se ao primeiro corresponde uma direção determinada, sentido único que expressa uma ordem de acordo com a qual nela se precisa fixar, ao segundo se compreende como aquele que identifica e reconhece, subjetivo por excelência, nele se pode esconder faculdades diversas em relação à alma, ao corpo e a tudo aquilo que se refere à unidade capaz de dizer EU SOU (Deleuze, 2000, pp. 77-84).

Se esse mesmo **senso comum**, ao subsumir a diversidade que nos é sempre dada, passa a referir a tudo e a todos de forma particularizada ou, a uma forma individualizada de

ver o mundo, igualando a tudo *em uma superfície frágil, ameaçadora e esquizofrênica que fazem com que as diferenças desapareçam como num toque de mágica*. Ao **bom senso** cabe disciplinar, ordenar e, mesmo, classificar a partir do primeiro, por vezes, cristalizando-o, emoldurado que é por tradições e concepções, muitas vezes ultrapassadas e distantes dos movimentos da realidade concreta que a todos envolve (idem, *ibidem*, p. 80).

O **paradoxo** segue direção oposta ao bom senso (a doxa), certamente, sem se tornar um mau senso. Ele caminha do menos diverso ao mais diferenciado, o que possibilita prever e antecipar, mudar e transformar as coisas, os espíritos e, mesmo, romper com algumas tradições e costumes, libertar-nos dos limites impostos por aquele, de fato, indiferenciado e superficial, mesclado àquilo que não aprofunda e que não chega ao âmago dos problemas.

Enveredando por esse caminho, encontro nas teses contidas em a «Lógica do Sentido» (2000), traçada por Gilles Deleuze os instrumentos para melhor defender a hipótese de que a Sexualidade, a Educação e a formação do educador face aos seus patrimônios pessoais e culturais devem constituir-se em elos a apontar para a sublevação da doxa, criando ambiente revolucionário favorável às mudanças curriculares e sociais.

Tomando por premissa o fato de que o sentido e o não-sentido pregnantes nas proposições, nas palavras, nas coisas, nas imagens, nos acontecimentos, na ironia, nas singularidades, nos esquecimentos, nas multiplicidades e, nos demais elementos de significação, existem como um modo de co-presença nas memórias e narrativas das mulheres-professoras em formação, objeto/sujeito das minhas investigações em educação e indicativo de que a sexualidade e as relações entre os gêneros, trazem em si a necessidade de subverter os sentidos dominantes para criar outros espaços-tempos de existência, como paradoxo. Oriente-me na continuidade dessas reflexões, trazendo algumas narrativas de professoras em que ao mesmo tempo em que estão mergulhadas em meio a este complexo de funcionabilidade, são capazes de ajudar-nos a pensar nas possibilidades «revolucionárias» de repensar o mundo, a vida na escola e das pessoas comuns em seus direitos de terem «direito», efetivamente, sublevando a doxa.

## 2. Memória e narrativas: bom senso & senso-comum ou a afirmação de um sentido único

Podemos supor que, para além do paradoxo, lugar do desvelamento das subversões dos sentidos imanentes aos saberes e poderes, co-habitantes de regiões ocultadas e/ou esquecidas nas vidas das professoras estudadas, portador daquele «não sei quê!» infinito, se tornará possível, partindo da íntima relação teoria e prática inerente ao processo de compreensão genealógica da realidade escolar, das vidas e fatos que me foram narrados, entender o que nos dizem, como por exemplo: a intensividade das vozes que nos falam do compromisso com o social e com o(s) outro(s) em uma contemporaneidade onde a despolitização, o prazer e o desprazer, bem como, sentimentos complacentes (compensatórios) com os diferentes e as diferenças que se evidenciam em muitas práticas pedagógicas colocam à margem alunos, colegas, emoções e afetos que poderiam, certamente, melhorar as condições de aprendizagem e de ensino. Senso-comum e bom-senso a coexistir na mesma narrativa em seu movimento: o senso comum que lhes anuncia que em nossa contemporaneidade é justo pensar o diferente e por ele

traduzir-se em luta, enquanto o bom-senso (doxa) ao indicar-lhe uma direção única não pode ser recusado na medida em que esta não sustenta um princípio particular mas geral de obrigações. Logo rejeita a autoridade que lhe confere a unicidade do sentido e não o sentido em si mesmo.

Compreendendo que as relações humanas se constituem plenas em complexidade, multiplicidade e pluralidade de sentidos e conhecimentos, trago exemplarmente à nossa reflexão a fala de Maria, mulher e professora que, em um dos momentos mais difíceis de sua vida no mundo dos homens, apela para a poesia, narrando em seus versos, sentimentos de uma vida experienciada entre pólos onde germinam contradições, alegrias, sofrimentos, lutas e, também, conquistas. Maria que, como tantas outras, pode representar a profundidade de sentimentos, emoções e a profusão de sentidos que se acham presentes nas linguagens, bem como na aparência das palavras, argumentos e proposições que, certamente, não cabem explicar pela simples relação falso-verdadeiro, mas requer que sejam pensados e contextualizados a partir de uma lógica<sup>2</sup>, que impregna os textos e as práticas pesquisadas. Assim poetizou:

No sofrimento somos Maria,  
Mãe de um Deus assassinado.  
Marias, sem alegria.

Dor sem futuro ou passado.  
Na renúncia somos Amélias, de uma triste verdade.  
Amélias sem sonho, desejo ou vontade.

No preconceito, Madalenas: ao pecado  
e à culpa predestinadas.

Só no amor temos os nomes  
e as formas de nossa estima;  
Velha mãe, jovem formosa  
e, eternamente, menina.

Nesses versos, de muitos ao mesmo tempo, Maria é o que é, ser tudo e nada ser, bem como ser, simultaneamente, um e outro; uma coisa e outra, ao mesmo tempo, no mesmo agora. Como a menina Alice da obra de Lewis Carrol, que em seu crescimento se torna maior e, ao mesmo tempo, menor do que é simultaneamente, ou entendido de maneira inversa, é maior agora e menor do que era antes. Maria consigna com o exemplo, o primeiro dos paradoxos, registrado por Deleuze, o do puro devir, como afirmação dos dois sentidos ao mesmo tempo e força pregnante para os avanços, já que o devir não suportaria distinguir o antes do depois, nem o passado do futuro, mas afirmar um sentido determinado em todas as coisas.

---

<sup>2</sup> A lógica dos sentidos se vê apenas na condição de colocar entre o sentido e o não-senso um tipo original de relação intrínseca, um modo de co-presença. Desse entendimento Deleuze sugere a concepção do não-senso como aquele que diz seu próprio sentido. *Op cit.* Décima Primeira Série: do Não-senso. pp. 69-76.

O paradoxo do puro devir, com sua capacidade de furtar-se ao presente, é identidade infinita e é, também, a linguagem que fixa os seus limites nas narrativas das mulheres (*Marias, sem alegria*), mas que também os ultrapassa e os entrega ao equivalente infinito de um devir ilimitado (*Dor sem futuro ou passado; Amélias sem sonho, desejo ou vontade*). E, sob todas as inversões que transparecem nos versos, os paradoxos em suas evidências: *ser uma e ser outra, ser mãe e ser pecado predestinado, ser menina e ser velha*.

Como efeitos dos sentidos, a presença do sem sentido, da identidade infinita, impessoal, torna presente o reforço constante aos nomes próprios em que deixa escapar a preocupação com a perda do substantivo mulher-singularidade que se encarna em um saber genérico de nomes gerais. Diferentemente da preocupação em trazer o nome próprio capaz de conservar uma relação constante, que é permanência em cada uma (de nós), Marias e Amélias, Madalenas e Divas em suas resistências e culpas, produto de uma educação restritiva, punitiva e arbitrária e de direitos não cumpridos, ordenado por determinações específicas e políticas sem medidas sociais, permanecemos todos no mesmo plano das conveniências e das circunstâncias que dão primazia a uns poucos.

Como na singularidade dos paradoxos nada começa ou acaba, tudo vai no sentido do futuro e do passado ao mesmo tempo e, quando o sentido não tem direção, nos ensina Deleuze, ele é só sentido e, como não ter sentido é característica do próprio sentido, não se deve insistir no fato de se ter bom ou mal sentido, são as duas coisas ao mesmo tempo. Daí, reforçarmos a concepção deleuzeana de paradoxo como auxílio na busca genealógica das possibilidades encontradas nas narrativas, documentos gráficos, poesias e resumidas biografias elaboradas em sala de aula pelas alunas-professoras e professoras em formação continuada, reafirmando a partir das trilhas perseguidas pelo filósofo que a força do paradoxo reside em que eles não são contraditórios, mas nos fazem assistir à gênese das contradições, desafio maior dessas nossas reflexões (Deleuze: 200, p. 77).

Se o passado-futuro se torna expressão alongada no tempo, estará o presente subsumido no tempo-espço da vida da escola e/ou na vida das professoras? Nossa experiência indica, como ouvintes que somos do dia a dia da escola, bem como daquilo que nossas pesquisadas falam em suas biografias, que nesses tempos-espços de vida e trabalho muito se aguarda que o presente se esgote, presas que são (somos) da esperança por dias melhores e submetidas às reminiscências de um tempo vivenciado, mas que se esgotou em nossa história sem final.

Viver o dia a dia, asseguram as professoras, é almejar com redobrada confiança melhores condições de trabalho e remuneração na escola pública. Expectativas que se fundamentam em discursos sobre uma escola exemplarmente idealizada, não obstante profundos ferimentos, fantasmas e marcas se ocultem sob os feitiços e simulacros de políticas públicas alvissareiras em que se profetizam um futuro de igualdade de condições e simetrias extensivas a todos. Esperanças (!) Pela afirmação de direitos?

Desse modo, em virtude de uma rapidez que nos faz ser e agir abaixo do mínimo esperado, pouco nos prendemos ao presente que se tem pautado pela efemeridade. O movimento incessante da vida nos indica que logo *o agora* que se faz presente, transmuta-se, como lugar onde o múltiplo é sedimentado, e o futuro como campo de possibilidades do diverso a ser materializado pela esperança, pela alegria, compartilhamentos, felicidade e prazer na vida cotidiana escolar e, nas singularidades que se projetam.

É, nesse passado-presente-futuro que os inúmeros paradoxos inundam(ram) a luta inacabada das mulheres e do feminismo no ocidente. É, ainda nele que as mulheres professoras conseguem conservar seu otimismo e compromissos com aqueles que pouco podem e pouco conhecem da cultura universal contemporânea. É, ainda neste diapasão que percorro um pouco da história das mulheres para ampliar o espectro das análises que elaboro.

Em que lugar deste debate, ficariam os patrimônios pessoal e cultural? Gonçalves reafirma com seus estudos etnográficos nossa opção pelo eixo tomado: «não há patrimônio que não seja ao mesmo tempo condição e efeito de determinadas modalidades de autoconsciência individual ou coletiva». Ou seja, sustento que entre o patrimônio e as formas de autoconsciência individual ou coletiva existe uma relação orgânica e interna e não apenas uma relação externa e emblemática. Em outras palavras, não há subjetividade sem alguma forma de patrimônio.

### 3. Sexualidade, Mulher, Educação e a Subversão dos Sentidos

Ainda, aqui, se reafirma a importância do patrimônio cultural e pessoal em nossas reflexões. Christopher Lasch<sup>3</sup>, ao investigar sobre enunciações já consagradas, dentre estas, aquela, que considera que a sociedade ocidental sempre foi masculina e que o poder político, em todas as esferas sociais sempre esteve nas mãos dos homens, aponta para figuras de mulheres e realizações femininas que marcaram o cotidiano em transformação. Desde o campo da intimidade como da medicalização da vida diária que atingiu fartamente seus corpos e de suas crianças, das idéias às práticas do matrimônio, a presença feminina junto às esferas do poder político nos indica que, muitas mulheres, não obstante excluídas do rol das senhoras decentes exerciam como concubinas e, mesmo, no papel marginalizado da prostituição elemento importante nas decisões governamentais concorrendo para que homens influentes traçassem rumos importantes às ações de políticas nacionais<sup>4</sup>.

O paradoxo<sup>5</sup> que nos é mostrado e, historicamente construído, indica um passado onde a presença da mulher é co-participe da construção da nova ordem burguesa, o que fundamenta a convicção de que a história das mulheres é inseparável do contexto de nossa história cultural. Sinaliza-nos, também, que esta se constitui uma especialidade na história ocidental, porquanto por meio da aproximação entre estima e desejo sexual, as mulheres têm seu papel de importância na institucionalização das relações sexuais e afetivas que se retratam na legislação sobre o casamento como imposição do ordenamento indispensável ao novo regime produtivo e garantia da ordem burguesa no contexto das relações familiares. Relativamente à idéia de patrimônio pessoal e sociocultural podemos depreender como se pode dar a mediação entre os aspectos diversos das culturas em seu tempo-espço, padronizados por uma certa coletividade humana e

---

<sup>3</sup> LASCH, Christopher – *A mulher e a vida cotidiana: amor, casamento e feminismo*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2000.

<sup>4</sup> Fato comum à época do Brasil Colônia e nos idos do Brasil Império onde essas mulheres fortes e de grande personalidade agiam interferindo no processo político em suas épocas.

<sup>5</sup> Enfatizado com subversão do senso comum e do bom senso, como já indiquei anteriormente.

aqueles que se vão acrescentando como resultado dos esforços de «sobrevivência» em meio cultural sempre em mudança.

A história nos recorda que na época em que se definiam os padrões de classe, tais comportamentos se tornaram indispensáveis na superação dos modelos e privilégios da aristocracia passando a servir de suporte social e econômico para a produção e para o consumo em recém expansão. Habilitavam-se as mulheres para os cuidados da família tomando por base toda uma tecnologia de saber e poder como exercício de controle social, de modo a serem educadas, adequadamente, as novas gerações de trabalhadores e consumidores. Destacamos que estratégias discursivas são engendradas para que a participação delas na esfera pública não fosse acintosamente percebida, a exemplo de discursos que glorificavam a maternidade e a atuação feminina na vida doméstica e urbana.

Lach nos leva a ratificar a noção de paradoxo, na medida em que verifica que ao mesmo tempo, nos finais do século XIX e início dos anos XX, se por um lado, os discursos eram formulados a partir de um senso comum vulgar que acirrava a distinção entre o trabalho feminino e masculino, trabalho profissional exercido pelos homens e o privado no lar exercido pelas mulheres, por outro lado o bom senso se aliava a uma visão extremada de que o espaço doméstico deveria estar protegido dos embates e da impessoalidade do mercado.

Retomando Deleuze e, trazendo de volta a noção de paradoxo é possível compreender que tal idealização que parte de imagens que saltam do passado para o futuro, ressurgindo na brevidade do presente fugaz, torna evidente a factuabilidade das teses que o filósofo sustenta, de que é na singularidade dos paradoxos inerentes à vida humana, que tudo se vê, pois ao orientar-se no sentido do futuro e do passado ao mesmo tempo, entende-se o presente como espaço que se alonga no tempo.

Assim, se o presente é dimensão efêmera, mas que nos permite apreender, na busca dos muitos sem-sentidos, dos sentidos comuns imanentes às próprias culturas, massificadas pela *mass media* e pelo desenvolvimento crescente da ciência e das novas tecnologias, há que entendê-lo como incorporado ao contexto social em que se inscrevem nas narrativas<sup>6</sup> das professoras pertencentes às camadas, popular e média empobrecida, reabilito do que nos contou uma aluna-professora ao falar de seu desejo em ser bailarina mas «induzida» pela família torna-se professora depois de ingressar no Instituto de Educação do Rio de Janeiro – IERJ: *entrei lá e gostei, tinha sala de balé, sempre quis ser dançarina. Não senso? Bom senso?*

Interessante observar a superação do desejo de ser dançarina pelas condições socioculturais estabelecidas e como estas, mudaram-lhe os rumos de sua história. Ser professora, naquele momento, conforme narrou, era a possibilidade única e consistente de ingressar com mais rapidez no mundo do trabalho o que implicou, também, *aprender* a gostar do que fazia/faz e ingressar numa escola normal e, atualmente, ser uma professora que realiza seu trabalho com tenacidade e compromisso social, como nos mostrou mais adiante:

---

<sup>6</sup> Recorda-nos Walter Benjamin: (...) *a experiência da arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente.* BENJAMIN, W. – *Magia e Técnica, Arte e Política.* 1993, p. 197.

*(...) As crianças eram muito difíceis, muita miséria, comecei a tomar gosto e a questão da educação virou uma luta política – eu nunca gostei de dar aulas, mas eu faço e faço bem feito porque acho que estou contribuindo de alguma forma com aquela turma que está ali. Não tenho idéia de que vou mudar o mundo, mas para aquelas crianças acho que alguma coisa vou mudar. Meu professor de francês falava uma coisa: - Faça o que fizer, faça bem feito. (Narrativa colhida em 2000).*

Analisando as falas das professoras e suas práticas no dia-a-dia como alunas e seus relatos na prática escolar nos levou a perceber que aquelas que demonstram um compromisso político com a educação, na maioria das vezes, são as que não separam os saberes construídos nos cursos de formação, dos saberes do cotidiano e, aqueles que histórica, social e culturalmente constroem em suas vidas e/ou militâncias política.

Essas professoras questionam tais saberes, seus sentidos e não negam suas origens, culturas e classe social. Falam dos lugares-espacos que ocupam, possibilitando em seu trabalho escolar o aflorar das diferenças em sala de aula. Criam as possibilidades dos paradoxos necessários às mudanças. Enfim, são as professoras, que não tendo perdido de vista a noção de que seus conhecimentos e saberes como produto das condições em que vivem, das tradições que carregam de sua cultura e dos estudos que realizam, trazem em si mesmas as melhores condições de intervir, juntamente com os alunos das camadas populares com os quais trabalham na busca partilhada pelo exercício em um espaço público mais amplo. Visão que se revigora na fala de uma outra aluna (...) *quero que elas (as normalistas a quem deseja ensinar) participem da construção de uma outra escola, para o III Milênio, voltada para a ética, para a valorização ecológica e saibam o quanto é importante uma criança aprender tudo isto na escola*». Relatos que se somam a outros:

*(...) eu não sabia o que era Pedagogia. Ai, eu fui procurar saber o que era aquilo, e vi uma frase que dizia assim e representava a Pedagogia: « Você não dá o peixe tem que ensinar a pescar ». Eu passei minha vida toda procurando alguma coisa que dá o peixe e descobri que o que eu queria não era dar o peixe, era ensinar a pescar. Acho que já tinha esse lado de ajudar as pessoas, sabe?*

Todavia, constatamos em muitas das narrativas ouvidas, muitas contradições, adesões e contestações aos discursos dominantes, que vão moldando e afirmando subjetividades como produto dos inúmeros e múltiplos processos de subjetivação, cujos efeitos podem se presentificar, na escola, por meio de subtrações e simulacros que se concretizam na vida de aprendentes e ensinantes. São condicionantes que afastam as possibilidades da qualidade crítica necessária em que se sedimentam na exclusão de muitos temas considerados, ainda em nosso tempo, pelos arquitetos dos poderes e dos saberes, como perigosos e insidiosos, porém úteis às políticas de controle da vida social, determinantes nas políticas públicas educacionais, os saberes e conhecimentos que se ligam à existência de outros modos e formas culturais, outros que articulam conhecimentos sobre os corpos humanos e suas sexualidades, além daqueles que permitem erigir, como paradoxo, a partir do amor de si e do amor ao(s) outro(s), o erotismo como guia e artífice dos atos de criação e afetos.

#### 4. *Conhecimento, doxa e paradoxo*: o mesmo, o uno e o contraditório nas políticas públicas de Educação Sexual

Capturando das teses de Deleuze (2000: pp. 105-109), a contestação do pensamento de um Eu coextensivo à representação ou um indivíduo coextensivo ao Ser, indicadoras de que: (...) *em ambos os casos, permanecemos na alternativa do sem-fundo indiferenciado e das singularidades aprisionadas*, recupero a temática em questão que tem no conhecimento humano seu fundamento, sendo ele entendido, como aquele que se movimenta em um mundo de singularidades nômades não mais aprisionadas na individualidade fixa do Ser infinito nem nos limites sedentários do sujeito superior, em sua finitude, como tampouco, na famosa imutabilidade de Deus, nem nos limites absolutos do conhecimento neutro proposto pelas ciências universalistas, como argumenta Deleuze (2000, pp. 109-110).

Assim pensando, trago de volta a idéia do devir a nos indicar as possibilidades do nascimento de um outro discurso, de outra narrativa política que não se prenda mais aquele da forma nem do informe, aquele que é antes de tudo do informal puro, onde não mais existam sujeitos dos discursos, onde o não-senso e os sentidos não sejam mais oposições simples, mas um a presentificar-se no outro. *Nem é o homem nem é Deus, tampouco o homem no lugar de Deus*, conforme sinaliza Deleuze (op cit), como aposta para o futuro, principalmente quando se consideram as relações atualmente postas na vida das mulheres, na sua formação e em seus direitos de vida, trabalho e liberdade de ser apenas o que se é.

Esse discurso, como produto dos sonhos de Nietzsche nos conduz ao que restava dos monstros que habitam as profundezas e as figuras do céu, tendo como prevalente uma singularidade que liberta, anônima e nômade, ao percorrer todas as coisas, homens, plantas e os animais, independentemente, das matérias que lhes deram individuação e das formas de sua personalidade: super-homem que não quer dizer outra coisa, senão, o tipo superior de tudo aquilo que é (Deleuze, 2000).

Tal como Nietzsche que teve a coragem de trazer do fundo os espectros dos monstros não tão silenciados, para destas profundidades, poder discernir as mil vozes e a forte vontade de fazer falar todas as vozes, correndo o perigo de ser ele mesmo tragado por elas, como acontece a uma pedra atirada à mansidão das águas de um lago que se vê sucumbir à fragilidade da superfície e afogar-se nas profundezas dos fenômenos, nós mulheres, nós professoras não podemos suportar a superficialidade com que os discursos são ditos e mesmo não-ditos, ainda que tal superficialidade, fabricada e cumprida historicamente, venham impedindo nossos maiores voos aos ventos e brisas das democracias insurgentes, mesmo quando neles se agitavam/agitam no fundo os homens, os deuses, as virtudes e o caos.

Enfim, torna-se necessário transformar esse estranho discurso que devia renovar a filosofia, a política e a criação que trata o sentido, não como predicado, como propriedade, mas como acontecimento, de forma a nos permitir compreender a intensidade das propostas de superação do senso comum e do bom senso como possibilidades de avanços que nos capacitem a construir um outro discurso pedagógico e político de mundo que aposte no múltiplo e no hibridismo dos seres e da vida, bem como na complexidade que nos oferece (a quem pode ver) a diversidade dos acontecimentos e das experiências comuns e incomuns (Deleuze, 2000: pp. 111-112).

Entre a tessitura dos argumentos, ainda que breves e tímidos, que venho trazendo, mais um exemplo a ser tomado em relação às possibilidades de subverter a doxa temos um outro conceito elaborado e sistematizado por Deleuze e Guattari num encontro que marca uma nova fase das idéias filosóficas do primeiro, o conceito de rizoma, concebido em capítulo de Mil Planaltos (Mil Platôs) a partir do esforço de «pensar de outra maneira», como sugere Michel Foucault. A incorporação de tal conceito ao eixo de análise deste trabalho é pensamento que fornecerá o rumo a estas últimas reflexões sobre as políticas de Educação Sexual e nas contradições percebidas pelos professores em sua ação e em seu empirismo revelador, nos mostram que tais políticas promulgadas como pertencentes a esta visão de transcendentalidade, de imanência do possível na superação de antigos modelos em uma transversalidade que nada mais é que a permanência de discursos despóticos ao manterem os mesmos conceituais e as hierarquias como as da mônada dominante. Na verdade é preciso que se entenda que aquilo que existe é o eterno embate entre o modelo e o processo; entre um fluxo estático e um fluxo energético de energias, de potências. «Os conceitos deleuzianos são rizomáticos e pragmáticos: circulam no plano de imanência e seu movimento é seu sentido» (Gil, 2008, p. 257).

Se as singularidades não habitam as superfícies, apenas por lá se acham incompletas e inconsistentes, procuraremos indicar como alguns discursos políticos que visam a organização da Educação Sexual no Brasil e em Portugal, nossos espaços de investigações tendem a ordenar-se de forma a adquirir significação, manifestação e designação permanentes em mesmismos, contradições impossíveis de fazer ler a energia potencial de sua formação e reconstrução capaz de fazer emergir das profundidades, lugar dos acontecimentos-singularidades, as possibilidades de construção de novas formas de atualizar-se e renovar-se.

Um primeiro olhar às políticas mais recentes de Educação Sexual nos dois países em estudo, constata-se que os documentos em ambos os países salientam a importância dos docentes em atuar junto aos educandos, tanto por suas competências técnicas e pessoais como por suas habilidades para distinguir aquilo que deve ser explicitado sobre a sexualidade e aquilo que a sociedade representada pelas instituições sociais demandam para ser dito (Patane, 2009)<sup>7</sup>. Ou seja, todo um senso-comum e um bom-senso estão a ser requeridos por este profissional de modo a cumprir sua missão com sucesso – ser um bom articulador político capaz de conseguir adesões, participações voluntárias e contribuições junto à sociedade como um todo.

«A sexualidade é das características humanas mais determinadas e moldadas pelo processo de socialização» (Ministério da Educação, ESMELO, 2000, p. 23).

«Como dimensão humana eminentemente relacional e íntima, a sexualidade tem uma vertente emocional e é um elemento essencial na formação da identidade global, do autoconceito, da auto-estima [...] do bem-estar físico e emocional dos indivíduos» (Ibdem, Idem).

---

<sup>7</sup> Linhas Orientadoras [ESMELO, 2000], e os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental no Brasil [PCN's, 1997;1998]. Fundamentaram-se em concepções orientadas pela Organização Mundial de Saúde – OMS, braço da Organização das Nações Unidas – ONU, eficiente orientadora dos discursos internacionais no que diz respeito aos centros de decisões dos países periféricos (Patane, 2009).

«Cada sociedade desenvolve regras que se constituem em parâmetros fundamentais para o comportamento sexual das pessoas. Isso se dá num processo social que passa pelos interesses dos agrupamentos socialmente organizados e das classes sociais, que é mediado pela ciência, pela religião e pela mídia, e sua resultante é expressa tanto pelo imaginário coletivo quanto pelas políticas públicas, coordenadas pelo Estado» (PCN,1997; 1998, p. 78; 295).

Vejam comigo alguns aspectos da linguagem a considerar: *sexualidade ... mais determinada e moldada no processo de socialização; formação da identidade global; regras, parâmetros para o comportamento das pessoas ... mediado pela ciência, pela religião e pela mídia ... resultante se expressa pelas políticas públicas*. O que se espera desse Eu, desse Nós multidão de seres a serem educados para a sua sexualidade? Conscientes e inconscientes? Analisados e analíticos? Senso-comum e bom-senso se reúnem em um mesmo espaço-tempo e deles se espera a mesma coisa. Saber representativo e representado de uma ordem unívoca. Esse Eu-eu e esse Eu-multidão a quem devo servir é também produtor de multiplicidades, nem sempre se congela numa força imutável e autodestrutiva, é também, imprevisibilidade. É com isso que eu conto, com a possibilidade sempre viável das linhas de fuga, da subversão da doxa, da explicação de si por si mesmo, daquele «não sei quê» que me/nos aflige. Reparem como o senso-comum e o bom-senso que agem sobre os professores em suas narrativas leva-os a desejarem ser os artífices da transformação social sem perceberem que passam a transformar ou serem transformadas pelos discursos das políticas públicas dominantes. Se aprender a pensar se faz no exercício constante do mesmo, como pensar criticamente se às mulheres podam a sensibilidade, as possibilidades históricas da memória e de enxergar a diferença que nos habita?

Os fragmentos discursivos apresentados em sua superficialidade, sob o avesso do espelho de Alice, evidenciam que a idéia fundamental é divulgar uma perspectiva de sexualidade e de educação sexual que permita a reflexão, a compreensão e o respeito à diferença, de modo a romper com amarras sociais impostas pelas instituições modernas, entretanto a conversão do Mesmo no Diferente nos indica um senso-comum eivado de condições para que se aprenda um determinado saber enquanto a sua torção (o paradoxo) propõe que se faça um exercício discordante de toda idéia de representação e da unicidade progressiva dos sentidos.

Assim, defende-se tais políticas numa perspectiva de sexualidade diferente das que foram constituídas de rigores e das instrumentalidades, especialmente organizadas para dar o tom das relações de poder entre homens e mulheres, entre jovens e velhos, entre pais e filhos, entre educadores e alunos, entre religiosos e leigos e, entre os centros de decisão política e a população, no entanto reafirma-se um sentido único, aquele que vai do mais diferenciado ao menos diferenciado; do singular ao regular, ao regrado, normatizado. Escreve Deleuze «o bom-senso desempenha papel capital na determinação da significação, como produto não desempenha nenhum na doação de sentido, isto porque ele vem sempre em segundo lugar, ... porque «pressupõe uma outra direção», aquela que é conferida pelo paradoxo que vai do menos diferenciado ao mais diferenciado. E, completa: «o bom senso não se contenta em determinar a direção particular do senso único, ele determina primeiro o princípio de um sentido único em geral, reservando-se o direito de mostrar que esse princípio, uma vez dado, nos força a escolher tal direção de preferência a outra» (Deleuze, 2000. pp. 78-79).

A escolha do paradoxo para nossas argumentações se deve justamente àquilo que o define «ele não consiste em seguir a outra direção, mas indicar que o sentido toma sempre os dois sentidos ao mesmo tempo, as duas direções ao mesmo tempo. O paradoxo como paixão descobre que não podemos separar direções nem instaurar um sentido único, porque é próprio do sentido não ter direção, não ter bom nem mau sentido, mas sempre as duas ao mesmo tempo em um passado/futuro fragmentado e alongado (Ibdem, idem, pp. 79-80).

Em síntese, vivemos hoje uma fase de estruturação social da sexualidade que exige que a construção de identidades sexuais compreenda o hibridismo e a versatilidade que hoje estão integrados aos estilos de vida contemporâneos e aos imperativos da globalização/localização. O significado e a oportunidade de expressão das sexualidades múltiplas e plurais levam ao aperfeiçoamento do senso crítico dos sujeitos e a formação de uma consciência para a implementação efetiva de uma educação para a diversidade e para igualdade de oportunidades, que garanta de fato os direitos da pessoa humana, a superação de preconceitos, de estereótipos, de heterossexismos e da homofobia ainda arraigados e atuantes nas relações parentais, interpessoais, intersexuais e nos relacionamentos amorosos da vida cotidiana.

## 5. Para Não Concluir

Comentei, tratando de sentidos e paradoxos, que entre frágeis superfícies e profundidades a desvelar, surgem imagens poéticas, mas também, fantasmas e enigmas de um mundo em que transitam pontos de vista de Marinas, Teresas, Adrianas, Estelas e, muitas outras vidas de mulheres e professoras em seu ofício. Refleti sobre as políticas públicas de Educação Sexual indicando que suas crises são também crises de sentido.

A partir da perspectiva de análise adotada refletimos sobre o conhecimento, a sexualidade, as relações de gênero, em sua articulação com os patrimônios pessoal e cultural, remexendo as vísceras das várias formas de comunicação que, entre nós, as mulheres professoras realizamos resistências e lutas para a conquista da liberdade, bem como as possibilidades de poder situar tais reflexões face às possibilidades de efetiva transformação que tome por base a autonomia dos sentidos, pela subversão da doxa.

Como a articulação entre o senso comum vulgar ao bom senso ligado às tradições e à religiosidade reforçam imagens construídas em um passado em que ser professora era das poucas profissões de *status*, permitida às mulheres das classes sociais em ascensão, profissão das mulheres honestas, e possível de realizar-se fora de casa com a permissão/concessão dos homens, desde que não fossem abandonados os deveres da casa e o amor/cuidados a serem dispensados no *ethos* familiar. Vemos, ainda hoje, presente nos muitos discursos as vozes que se contradizem situadas entre a outorga masculina e o desejo da liberdade da escolha. Não é por acaso que a Pedagogia e os Cursos de Formação docente raramente se constituem a primeira escolha das jovens mulheres e rapazes para acesso aos Cursos Superiores.

Enfim, se para as questões tradicionalmente seqüestradas aos discursos e às políticas, a sexualidade e as relações entre os gêneros, mais facilmente podem nos colocar diante das transformações pela sublevação dos sentidos, como paradoxo, consideramos suas dificuldades para superar as amarras colocadas pelas «vicissitudes» próprias do capital

e seus poderes coercitivos e disciplinadores de corpos e mentes. Necessário se torna transcender o seu processo histórico que o coloca tanto ordenado quando em sua positivação (pelos interesses do capital) quanto difuso em sua concepção natural, e ressignificá-lo como paradoxo, de modo a possibilitar a tomada de consciência das pessoas por sua dignidade ética como referência para que haja respeito de um para com os outros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DELEUZE, Gilles – *Lógica do Sentido*. 4ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.  
— *Conversações*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- FOUCAULT, Michel – *Dits et écrits*. 2ª ed. Paris: Gallimard, 1994. Tomo IV, 1980-1988.  
— *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1997.
- FREIRE, Jurandir – *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. 1ª ed. Ed. Rocco, 1999.
- GONÇALVES, José R.S – Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre. ISSN 01047183. Vol II, N.º 23 (Jun/Jul 2005).
- GIL, José. *O imperceptível Devir da Imanência: sobre a filosofia de Deleuze*. 1ª ed. Relógio D'Água Editores, 2008.
- LASCH, Christopher – *A mulher e a vida cotidiana: amor, casamento e feminismo*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2000.
- NIETZSCHE, F. W. – *Obras incompletas*. Seleção de Textos de Gérard Lebrun, Trad. e notas de Rubens Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- PATANE, Rosana – *Escola e Educação Sexual: espaços e relações dinâmicas e compreensões*. FPCE/UC, 2009. Dissertação de mestrado.
- REIS, M. A. Souza – *(Re)invenção da Escola Pública: Sexualidade e Formação da Jovem Professora*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense – UFF, 2002. Tese de doutoramento.